

Introdução:

A importância do casal parental na constituição do psiquismo foi objeto de estudo da psicanálise durante muitos anos. Desde os artigos escritos por Freud, o valor do investimento narcísico do outro se mostrava essencial na vida emocional do bebê e as marcas deste primeiro contato continuavam fazendo parte de seu mundo fantasmático por toda a vida. Embora esta perspectiva não possa ser desconsiderada por aqueles que trabalham na clínica, atualmente podemos perceber que psicanalistas como René Kaës, Maria Rita Kehl, Bernard Brusset, Françoise Dolto, dentre outros, passaram a se debruçar sobre o estudo das relações horizontais. Estas últimas se iniciariam dentro do núcleo familiar no convívio com os irmãos, já que a experiência de ser inserido em uma fratria faz com que a criança saia da lógica especular eu-outro para um diferente momento em que ela precisa reconhecer a alteridade.

A chegada de um novo membro da família costuma ser impactante para a criança mais velha. De repente, esta se vê obrigada a dividir com o bebê recém-chegado o amor dos pais, ao mesmo tempo em que precisa lidar com ciúme e a inveja, comuns neste momento. Lacan (1938), entretanto, observa que a idade do irmão mais velho traz consequências em seu comportamento, pois quando a criança já passou pelo complexo de Édipo, o bebê costuma ser adotado no plano das identificações parentais e por isso não representa uma ameaça. Os autores que discutem este tema, todavia, reconhecem que a chegada de um irmão aguça a inteligência da criança, pois faz com que ela questione os determinantes sexuais, ou seja, faça perguntas sobre a forma como os bebês são concebidos. Além disto, a relação entre irmãos é um importante caminho em direção aos vínculos sociais, já que a criação do laço fraterno impõe um limite ao narcisismo da criança e impede o aniquilamento do outro.

Autores como Kehl, Birman e Costa apontam também para a importância do resgate da fraternidade, tendo em vista que as relações horizontais não dizem respeito apenas a irmãos que compartilham a mesma consanguinidade. Ao contrário, hoje é possível perceber grupos de amigos, primos, que mantêm entre si uma relação fraternal, pois compartilham laços de amizade e solidariedade.

O presente trabalho surgiu a partir de um questionamento sobre a importância das relações fraternas na constituição do sujeito, principalmente em situações de doença e internação de crianças pequenas.

O papel das relações entre pais e filhos e dos vínculos objetivos precoces para o desenvolvimento infantil tem sido objeto de estudo de diversas correntes psicanalíticas. Porém, a importância das relações horizontais e fraternas vem sendo cada vez mais enfatizada no campo teórico contemporâneo, provavelmente em função das modificações nos arranjos familiares e da necessidade de ampliar o estudo sobre novas possibilidades de subjetivação.

A pesquisa teórica sobre a importância do fraterno e da fraternidade na clínica psicanalítica e a experiência clínica no CTI Pediátrico tornou imprescindível a necessidade de validar não apenas as relações fraternas, mas também as relações horizontais estabelecidas entre os pacientes internados e outras crianças próximas de seu convívio familiar.

No hospital onde trabalho, são realizadas visitas dos irmãos aos pacientes internados no CTI Pediátrico. O medo da criança internada diante do ambiente hostil do universo intensivista e a preocupação do irmão que fica em casa, normalmente excluído das conversas sobre o estado de saúde da criança enferma, demonstravam a necessidade da visita como uma medida terapêutica, já que permitia que os irmãos resgassem seus laços de amizade e o universo lúdico; e ao mesmo tempo profilática, uma vez que era muito comum o relato dos pais de que a criança que estava em casa sofria com algum distúrbio psicossomático em decorrência das preocupações concernentes à internação do irmão.

Decidimos estudar a importância da relação fraterna dentro do CTI Pediátrico. Em um primeiro momento, seriam contemplados apenas irmãos que faziam parte da mesma família, independente de serem filhos do mesmo casal ou adotivos. No entanto, ao longo do estudo, pudemos constatar que muitas das crianças internadas mantinham relações fraternais com outras pessoas próximas como, por exemplo, um primo que era muito presente ou um amigo com quem a criança tinha um convívio bastante intenso. As discussões acerca da fraternidade e o conceito de “Complexo Fraterno” de René Kaës também foram importantes elementos norteadores deste trabalho, já que segundo Kaës o complexo fraterno é

uma formação inconsciente a qual estamos submetidos independentemente de sermos filhos únicos ou não e por isso o irmão (real ou imaginário) seria tão importante, pois as relações horizontais são fundamentais em nossa constituição subjetiva.

No primeiro capítulo discutimos o papel do Outro na constituição do sujeito, tendo em vista que é a partir do investimento narcísico dos pais que a criança poderá se apropriar de sua história e ser introduzida na cadeia simbólica. No entanto, questionamos o quanto o surgimento de um irmão neste primeiro momento, onde a criança ainda precisa lidar com questões narcísicas e de escolha de objeto, é impactante. Recorremos ainda ao texto freudiano para compreender quais as suas observações acerca da importância da temática fraternal, além de apontarmos para as dificuldades primitivas da criança mais velha em acolher este irmão que ocupa um lugar no cotidiano doméstico e no amor parental.

Ainda neste capítulo apontamos para a importância da relação fraterna na constituição do sujeito, já que quando a criança é inserida na fratria ela passa a lidar com a perda da exclusividade do amor parental, ao mesmo tempo em que precisa superar o desejo de aniquilamento do outro. Após este momento onde a inveja e o ciúme prevalecem, a criança, com o auxílio dos pais, pode reconhecer a alteridade e a importância do irmão, o que será fundamental em sua caminhada rumo aos vínculos sociais.

No segundo capítulo discutimos o conceito de “complexo fraterno” de René Kaës, além de pensarmos na função do irmão na constituição psíquica. Os laços de parentesco, a filiação e a relação entre as gerações também são contemplados, já que quando consideramos o tema da fratria é interessante que haja uma análise mais complexa, onde além da relação dos filhos com os pais, seja também considerado o modo como o sujeito compreende o reconhecimento de sua alteridade por seus próprios pais. Além disto, a valorização da relação particular entre as gerações também permite que se compreenda na clínica como os próprios pais do paciente se comportavam em relação a seus irmãos e quais são estas consequências na forma como eles entendem a fratria.

A relação fraterna também aparece na clínica psicanalítica, pois autores clínicos afirmam que a importância da dimensão horizontal surge frequentemente no discurso de seus pacientes e também na relação transferencial. Esta perspectiva mostra-se interessante, já que o analista pode ser colocado na posição de irmão

pelo paciente e precisa estar atento à limitação de conceber a transferência unicamente em sua dimensão parental.

No terceiro capítulo são utilizados fragmentos clínicos colhidos a partir da visita dos irmãos às crianças internadas no CTI pediátrico, onde trabalho. É importante ressaltar que tais fragmentos foram escolhidos por representarem diferentes questões surgidas a partir do discurso das crianças e que corroboram as teorias anteriormente explicitadas. Sendo assim, questões como o surgimento de distúrbios psicossomáticos na criança mais velha a partir da internação do irmão, o aparecimento da rivalidade e do ciúme, além da constatação dos laços de amizade e solidariedade entre os irmãos, são contempladas nestes exemplos provenientes do meu campo de atuação.

Ainda neste capítulo contemplamos a importância da fraternidade nas discussões psicanalíticas recentes, já que esta não se resume ao campo da família. A ênfase na experiência da fraternidade revela uma rede de solidariedade e de solidificação dos laços de amizade que são fundamentais na constatação de que é preciso voltar-se para o outro, na medida em que é este encontro com o outro que faz com que nos reconheçamos como insuficientes diante de nossos semelhantes.

A aliança fraterna possibilita assim que se produzam campos identificatórios através da produção dos laços sociais e, neste sentido, refletimos aqui sobre a função dos pares na constituição subjetiva e na sua importância diante de um novo enfoque possível na clínica contemporânea.

1

O fraterno em psicanálise: estudos recentes sobre a importância do irmão na constituição do sujeito

1.1.

O papel do Outro e do grupo fraterno na constituição subjetiva

A importância do investimento narcísico dos pais para a constituição do sujeito foi objeto de estudo de grande parte dos psicanalistas durante décadas, tendo em vista que desde Freud a importância do complexo de Édipo e o complexo de castração direcionavam os estudos acerca da sexualidade e apontavam para o papel dos cuidadores essenciais no desenvolvimento emocional primitivo, privilegiando assim um eixo vertical de transmissão pais- filhos.

Atualmente, entretanto, autores como René Kaës, Maria Rita Kehl, Bernard Brusset, Françoise Dolto, dentre outros, publicaram trabalhos voltados para o estudo das relações horizontais. A importância do irmão na constituição do psiquismo também tornou-se objeto de observação destes autores contemporâneos que afirmam que a relação fraterna exerce um papel fundamental na construção da subjetividade.

Através do meu trabalho clínico como psicóloga, realizado no CTI Pediátrico de uma clínica particular da cidade do Rio de Janeiro, pude constatar o papel fundamental das relações horizontais na constituição do sujeito, tendo em vista que durante as visitas dos irmãos ficou clara a importância do laço fraterno tanto para o paciente internado quanto para o irmão que ia visitá-lo.

No espaço onde trabalho, são realizadas visitas dos irmãos às crianças internadas. A partir da realização destas visitas, pude perceber que a internação de uma criança não traz questionamentos somente à criança hospitalizada, mas também inclui aquele irmão que está em casa e sofre as conseqüências psíquicas da internação. Para o paciente, a internação gera medo, ansiedade e angústia, tendo em vista que o CTI é um lugar hostil, onde procedimentos dolorosos são necessários e a imposição de horários restritos de atividades suscita uma quebra da rotina da criança e um afastamento de seu universo lúdico. Ao mesmo tempo, o irmão que está em casa sofre com a ausência momentânea dos pais e com as dúvidas quanto ao estado de saúde do irmão enfermo.

Observamos através da experiência clínica, que quando o irmão mais velho encontrava-se em um momento anterior ao Édipo, era frequente que ele apresentasse alguns distúrbios psicossomáticos após a internação do irmão mais novo. Esta reação parece estar relacionada às fantasias agressivas e de destruição do irmão, comum nos casos de ciúme que ganhavam uma dimensão real, o que muitas vezes levava a criança a supor que seus desejos de destruição do irmão enfermo tinham enfim se concretizado. Nesta concepção, propiciar a visita dos irmãos foi de grande valia, pois ao mesmo tempo em que a presença do mais velho facilitava o resgate da dimensão lúdica, dos laços fraternos e do universo extra-hospitalar por parte da criança internada, para a criança que estava em casa esta visita também era necessária, pois permitia o reconhecimento do real estado de saúde do irmão e auxiliava na desconstrução de fantasias de agressão onipotente que poderiam gerar culpa, medo e preocupação.

Ao mesmo tempo, foi possível perceber que o vínculo fraterno também permitia que os irmãos resgatassem laços de solidariedade e companheirismo, muitas vezes fortalecidos após as visitas realizadas no CTI Pediátrico.

No entanto, a importância de se valorizar o laço fraterno só é possível através de uma primeira análise acerca da necessidade de investimento narcísico dos pais sobre os filhos. Estes fazem parte do imaginário dos pais mesmo antes de nascer, e neste sentido, é imprescindível que haja um arranjo simbólico que sustente esta relação e garanta à criança a possibilidade de ser investida narcisicamente por seus cuidadores essenciais.

Winnicott (2002) ao discorrer sobre as origens do indivíduo postula que “o início das crianças se dá quando elas são concebidas mentalmente” (p.43).

Bernard Golse (2004) reforça o argumento Winnicottiano ao sugerir que a criança tem uma história que antecede o seu nascimento. O autor coloca que “o bebê chega a um mundo novo onde já há, antes dele, linguagem e pensamento” (p.16). Desta forma, para que o bebê se aproprie desta linguagem e pensamento que o precedem, ele precisa de seu corpo, de seu ambiente e de uma inscrição em uma história que se faz crescente a cada dia através do discurso parental.

O autor aponta que há entre o adulto e o bebê um “espaço de narrativa”, onde o corpo e o comportamento do bebê “contam” algo de sua história interativa precoce e onde os adultos revivem a criança que foram, que temem ou que creem terem sido. A partir desta relação constrói-se uma nova história onde “o corpo do bebê é o principal narrador, o principal recitante” (p.35).

O bebê nasce com uma história que está pré-arranjada para ele: a de sua linhagem e do desejo parental. Neste sentido, a espera do bebê traz uma modificação no psiquismo dos pais, tendo em vista que através da construção de uma imagem idealizada e da criação do seu bebê imaginário, o casal tem a chance de dar à sua própria história um novo significado.

O investimento narcísico dos pais ratifica a importância do desejo parental, haja vista que o nascimento psíquico do bebê tem como entorno a organização psíquica daquele que representa seu Outro primordial. O Outro tem um papel fundamental na constituição do sujeito, na medida em que é o Outro que introduz o sujeito na cadeia simbólica, na ordem da cultura (ZORNIG, 2008).

De acordo com a teoria freudiana, a atitude afetuosa dos pais para com os filhos é uma revivência e uma reprodução do seu próprio narcisismo. Freud (1914) postula que a supervalorização domina sua atitude emocional e por isso os pais se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho e ocultar todas suas deficiências. Além disso, o autor coloca que os pais sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios abandonados por eles. Freud afirma:

A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão abrogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação- ‘Sua majestade o bebê’ (p.98).

A criança concretizará sonhos que os pais jamais realizaram e o amor que nutrem pelo filho pode ser entendido como uma forma de renascimento do seu próprio narcisismo. Entretanto, ao passo em que a criança cresce, os pais deixam de representar a única autoridade e a fonte de todos os conhecimentos e o filho utiliza-se de uma atitude crítica para compreender que existem outros pais que em certos aspectos são preferíveis aos seus.

Os impulsos da rivalidade sexual contribuem para que isso aconteça. Como há ocasiões em que inevitavelmente a criança é negligenciada, a sensação de que sua afeição não está sendo retribuída encontra abrigo na idéia mais tarde lembrada conscientemente, a partir da infância inicial, de que é uma criança adotada, ou de que o pai ou a mãe não passam de um padrasto ou de uma madrasta.

A teoria freudiana aponta que o estágio seguinte no desenvolvimento do afastamento do neurótico de seus pais pode ser descrito como o “romance familiar do neurótico”. Trata-se de uma atividade imaginativa que emerge inicialmente no brincar das crianças e depois, mais ou menos a partir do período anterior à puberdade, passa a ocupar-se das relações familiares.

Freud (1909) aponta que em um primeiro momento a criança entrega-se à tarefa de substituir os pais por outros de melhor linhagem e em um segundo momento, quando conhece a diferença entre os papéis desempenhados pelos pais e pelas mães em suas relações sexuais, o romance familiar sofre uma restrição, já que se contenta em exaltar o pai, ao passo em que deixa de lançar dúvidas sobre sua origem materna, encarada como fato indiscutível.

Todavia, essas “obras de ficção”, aparentemente hostis, conservam a primitiva afeição da criança por seus pais, sendo a infidelidade e a ingratidão apenas aparentes. Dessa forma, nos romances imaginativos onde há a substituição dos pais, se examinarmos podemos ver que a criança atribui a esses novos pais qualidades que se originam das recordações dos pais reais. Neste sentido, o esforço da criança para substituir o pai verdadeiro por outro superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem do passado, onde o pai era “o mais nobre dos homens” e a mãe “a mais amável das mulheres”. Percebe-se então nessa fantasia a supervalorização que caracteriza os primeiros anos da infância (FREUD, 1909).

As fantasias e desejos incestuosos dirigidos aos pais surgem em um momento em que a criança se dá conta da diferença entre os sexos. A representação inconsciente pela qual a criança exprime seu desejo sexual pelo genitor do sexo oposto e sente hostilidade em relação ao genitor do mesmo sexo marca o complexo de Édipo.

O complexo de Édipo, ligado à fase fálica da sexualidade infantil, exprime a situação da triangulação entre a criança e seus pais. Sendo assim, o complexo de Édipo não é redutível a uma situação real, à influência efetivamente exercida sobre a criança pelo casal parental. A sua eficácia vem do fato de fazer intervir uma instância interditória (proibição do incesto) que barra o acesso à satisfação naturalmente procurada e que liga inseparavelmente o desejo à lei (LAPLANCHE E PONTALIS, 2008).

A importância da fase fálica está ligada ao fato de que ela marca o ponto culminante e o declínio do complexo de Édipo pela ameaça de castração. Segundo Freud (1924), é essa ameaça de castração que ocasiona a destruição da organização fálica da criança. O autor acrescenta que uma menina não entende sua falta de pênis como sendo um caráter sexual, mas explica-a presumindo que em uma época anterior possuía um órgão tal como o masculino, mas que perdera-o por castração. Sendo assim, a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência. Contudo, a menina tenta obter alguma compensação pela ausência do pênis, como por exemplo, o desejo de que o pai lhe dê um bebê como presente. O autor então explica que o complexo de Édipo é abandonado gradativamente, tendo em vista que este desejo nunca se realiza.

Durante os primeiros anos da infância a criança necessita, assim, lidar com sua posição no complexo de Édipo e sua posterior dissolução. O encantamento pelo genitor do sexo oposto e a hostilidade em relação ao genitor do mesmo sexo pressupõe uma tomada de posição e um direcionamento em relação à descoberta da sexualidade. Somente após este primeiro momento, a criança entra no período de latência, onde voltará seu interesse para os vínculos sociais. Podemos compreender então, como a chegada de um irmão neste primeiro momento pode ser impactante para a criança mais velha, tendo em vista que esta ainda lida com questões narcísicas e de escolha de objeto, características da infância. O irmão surge então primeiramente como uma ameaça à exclusividade do amor dos pais,

ao mesmo tempo em que obriga o filho mais velho a se confrontar com a diferença e com a alteridade.

Na obra freudiana, embora a fratria não tenha sido tema de artigos específicos, a menção à importância do irmão para o psiquismo pode ser encontrada em diversos textos. Segundo Assoun (1998), há duas maneiras de abordar a temática fraternal em Freud, já que ela aparece em diferentes momentos em sua obra:

No plano diacrônico, quando nos damos conta de uma recorrência do tema e onde a questão da fratria está claramente implicada, de maneira às vezes precisa e em outras pouco acentuada; e no plano sincrônico, quando essas alusões remetem a redes clínicas e conceituais distintas, que são importantes ordenar.

Sendo assim, o primeiro nível de consideração tece a postura de uma criança junto a seus interlocutores no grupo fraterno e o segundo nível considera a relação própria com o grupo, através do laço singular formado entre os irmãos.

Freud representa a irrupção de um hóspede indesejável na casa, tendo em vista sua prática clínica. Na discussão do “caso Goethe”, o autor aponta que a reação ao nascimento do irmão, quando a criança mais velha tinha quatro anos, foi a transformação deste em um jovem obstinado, indócil, que desafiava sem cessar a severidade da mãe. Antes, esse jovem havia podido eleger a enfermidade como modo de reconquista do amor materno. Depois, com a chegada do irmão, o filho único se transformou face ao efeito da despossessão, em um dissidente irreduzível. Sua reação levava a crer que havia de recuperar sua saúde para exercitar sua agressividade, desta vez contra a mãe traidora e o irmão usurpador. Da mesma forma, o pequeno Hans utilizou o nascimento da irmã a fim de aguçar sua inteligência acerca do enigma sexual (ASSOUN, 1998).

Ao relatar o caso do “Pequeno Hans”, Freud (1909) afirma que o nascimento de sua irmã, Hanna, foi o grande evento de sua vida. O autor descreve a curiosidade de Hans ao ouvir os gemidos da mãe e, posteriormente, ao ver as bacias e outros recipientes sujos com uma mistura de água e sangue. É importante notar que a atenção de Hans sobre as bacias sujas e sua observação de que “não sai sangue do seu pipi” mostra seu interesse pela descoberta da sexualidade e sua desconfiança de que tudo que lhe parecia estranho se relacionava com a “cegonha”.

Hanna nasce quando Hans tem três anos e meio e sua chegada é experimentada pelo irmão com um intenso ciúme. O garoto fazia questão de menosprezar o encantamento dos adultos pela irmã dizendo que ela ainda não possuía dentes, como uma forma de demonstrar o quanto aquele bebê recém-nascido o incomodava. Ao perceber que a atenção da família, inevitavelmente, se voltava para a irmã, Hans adoeceu com uma forte dor de garganta. Após alguns meses, Freud relata que o ciúme fora superado, mas que a curiosidade acerca da diferença entre o seu órgão sexual e o da irmã se acentuaram, assim como sua dúvida de que havia algo oculto no fato dos adultos dizerem que as crianças eram trazidas pela cegonha.

Freud (1909) aponta para o desejo de Hans de que a irmã morresse para que ele pudesse desfrutar da exclusividade do amor materno. Após este episódio, relata que o menino continuou elaborando teorias para compreender o nascimento dos bebês.

A dificuldade de Hans em acolher a irmã recém-nascida é colocada por Mezan (1989):

Não é difícil ver que o nascimento da irmãzinha desorganizou o mundo afetivo do menino do pequeno, colocando-lhe o problema da origem dos bebês e o conflito emocional com o pai, que ao mesmo tempo lhe contara a mentira da cegonha e impedia seu acesso ao leito da mãe. A repressão da rivalidade com o pai engendra a angústia, que em seguida se enlaça com os cavalos, num mecanismo tipicamente fóbico (...) A vantagem inicial da fobia é evidente: ela permite ao menino não sair de casa e permanecer ao lado da mãe, ou seja, realizar seu desejo mais profundo. Mas em seguida demonstra o fracasso da solução repressiva e o tratamento analítico tem êxito em restaurar a saúde e o humor do pequeno Hans (p.190)

O conflito fóbico de Hans permitia, assim, esconder os ciúmes e o ódio contra a irmã, ao mesmo tempo em que mostrava o seu medo de ser punido por experimentar tais sentimentos. Entretanto, além do caso do pequeno Hans, outros casos descritos por Freud demonstram como experiências emocionais que envolvem os irmãos podem repercutir na vida adulta dos pacientes.

No caso do “Homem dos Ratos”, Freud (1909) afirma que seu paciente em determinado momento da análise confessou ter feito inúmeras investidas sobre a irmã mais nova, depois que seu pai faleceu. Segundo o autor, esta fantasia era experienciada com grande angústia, já que ele pensava que seu pai o castigaria se estivesse vivo e soubesse de seu desejo incestuoso.

Em “Estudos sobre a histeria”, Freud (1893-1895) relata o caso de uma paciente sua que sofrera durante muitos anos de obsessões e fobias que pareciam ter sua gênese na infância. Durante uma das sessões, Freud colocou a mão em sua cabeça e pediu que ela dissesse alguma palavra que viesse em sua mente. Após realizar este mesmo gesto algumas vezes, a paciente associou as palavras “porteiro”, “camisola” e “carroça” a um episódio que lhe aconteceu quando ela tinha dez anos de idade e sua irmã doze. Segundo ela, aos doze anos sua irmã fora levada amarrada para a cidade em uma carroça após um surto noturno.

Depois de algumas sessões de análise, Freud descobriu que a doença da irmã lhe causara uma impressão profunda, pois as duas partilhavam o segredo de que quando dormiam no mesmo quarto, ambas sofreram investidas sexuais de um mesmo homem. Após esta descrição, Freud afirma que a menção deste trauma sexual na infância da paciente revelou a origem de suas primeiras obsessões e o trauma que em seguida produziu os efeitos patogênicos.

O vínculo dos membros de uma fratria é suscetível à transformação ao longo do tempo. Com o crescimento dos irmãos, as atitudes experimentadas por eles sofrem transformações importantes. Ao contrário da “reconciliação com o pai”, que é posterior ao seu assassinato simbólico, no caso do laço fraterno deve-se pensar no efeito inverso: a reconciliação se produz para evitar o assassinato e o ódio fratricida. (ASSOUN, 1998).

O ato originário de assassinato do pai em “Totem e Tabu” (1912) descreve os sentimentos recíprocos de oposição ao pai entre os irmãos. Sendo assim, a passagem para um ato coletivo real originário mostra a origem de uma ordem familiar e a conseqüente formação do laço social. Assoun (1998) coloca que instala-se neste momento uma “fraternização”, já que sua existência se torna mais intensa depois do crime, quando os irmãos, que mediante o ato da violência originária acabam de eliminar o pai do grupo, podem, já reunidos, contar uns com os outros.

A organização dos irmãos, entretanto, requer o estabelecimento da proibição do incesto. Segundo Assoun (1998):

Como pode se ver, a vontade de viver junto dos irmãos, cujo vínculo de cumplicidade havia sido selado pelo parricídio coletivo, exige a instituição da proibição do incesto. Sobre a sepultura do pai, se elevaria o monumento fraternal, ao mesmo tempo em que o primeiro direito, dos “regulamentos totêmicos. Do pai aos irmãos se produz a passagem da lei para o regulamento.

O tabu do incesto será o fundamento do contrato entre os irmãos, o tratado de paz originário ou a cláusula simbólica da concórdia fraternal (p.109).

É possível compreender com a ajuda dos casos descritos que o nascimento de um irmão é um incentivo à curiosidade infantil, já que esta chegada pressupõe o questionamento da criança mais velha no que diz respeito ao enigma sexual. Na verdade quando a criança que ganha um irmão faz a pergunta: “De onde vem os bebês?”, na realidade ela está querendo dizer: “de onde vem ele (ela)?”, dirigindo-se ao personagem fraterno. Este enigma sexual faz com que a criança mais velha a investigue, ao mesmo tempo em que o status de competidores dos irmãos vão polarizar as relações com o objeto, impossível de repartir. Com o irmão, assim, a criança media a relação parental e compartilha um mesmo Outro, ao mesmo tempo em que, na fratria, vai aprender, em sua dinâmica inconsciente, o vínculo social (ASSOUN, 1998).

O primeiro ato da relação fraternal está marcado pela chegada de um outro que faz valer direitos que ao primogênito parecem pouco compatíveis com suas próprias exigências e que são inegociáveis. Assoun (1998) sugere que o complexo de Édipo se amplia e passa a ser “complexo de família” quando chegam outros filhos. Assim, o início da fratria marcaria a virada do complexo de Édipo e sua transformação em complexo familiar.

A ampliação da família tem, portanto, um alcance estrutural: a extensão do complexo de Édipo como complexo familiar. A chegada de um recém-nascido, desta forma, soa como uma notícia desagradável e que é vivida de forma mais decisiva e dramatizada quanto mais estreita é a diferença de idade entre os irmãos. Assoun (1998) aponta:

O “indígena” da família se comporta com todo o egoísmo que contém uma idade sem piedade e se revela pouco hospitaleiro com este estranho que repentinamente reivindica sua parte do território parental. Há aí um “prejuízo egoísta” que gera sensações de ódio (...) (p.26).

A criança destituída de seu lugar de filha única tem assim dificuldades em acolher este irmão que chega e ocupa um lugar no cotidiano doméstico e no amor parental.

Assoun (1998) chega a perguntar: “Como não odiar este alter ego supostamente gratificado (...)? (p.33)”, tendo em vista que o irmão presentifica o drama da desposseção do objeto.

A aparição do irmão tem, entretanto, um efeito benéfico: devido à desestabilização em sua comodidade doméstica, o irmão mais velho se vê empenhado em direção ao saber. Esta agressividade o leva à inteligência, já que a chegada de um “intruso” impulsiona o irmão mais velho a conhecer sua procedência, sua origem e tudo o que diz respeito a ele.

Após o complexo de Édipo, o menino pode tomar a irmã como objeto de amor, substituindo assim, a mãe infiel, ao passo em que a menina pode encontrar no irmão maior um substituto do pai ou tomar uma irmã menor como uma substituta do filho que desejou em vão com o pai (ASSOUN, 1998).

É importante notar assim, que o irmão desempenha um papel importante na constituição da personalidade, algo que vai além da batalha pelo amor parental. Segundo Rufo (2003), o outro permite a cada um se definir melhor pelo jogo das semelhanças e diferenças, já que viver na companhia de um irmão tem um papel particular na construção da personalidade, onde cada membro da fratria aprende a diferenciar-se dos outros.

As relações fraternas são construídas a partir de uma vivência comum de emoções sensuais, contatos de pele, odores, gostos e emissões de sons antes da aquisição da linguagem e a construção do pensamento oferece em seguida a possibilidade de compartilhar emoções psíquicas. Desta forma, ocorre a partilha da afetividade que faz com que as crianças sintam nas outras atitudes complementares. Percebe-se assim, que a fratria desempenha um papel primordial no desenvolvimento afetivo de cada um (RUFO, 2003).

1.2.

A importância da relação fraterna na constituição do laço social

As questões referentes à sociabilidade da criança remetem necessariamente à família, primeiro grupo social onde o indivíduo se insere. Neste sentido, é necessário também discutir a importância do irmão para o desenvolvimento do indivíduo, já que o irmão ao mesmo tempo em que pertence ao grupo familiar, também suscita no outro filho sentimentos conflitantes no que diz respeito à exclusividade do amor dos pais.

No texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, Lacan (1938) destaca o papel primordial da família na transmissão da cultura, já que esta tem um papel primordial na educação precoce, na repressão das pulsões e na aquisição da língua, além de transmitir valores de comportamento e de representação aos seus membros. Ele acrescenta ainda que a família “estabelece entre as gerações uma continuidade psíquica cuja causalidade é de ordem mental” (LACAN, 1938, p.31).

Lacan (1938) nomeia “complexo de intrusão” a experiência vivenciada pelo indivíduo quando este percebe que compartilham da sua vida doméstica um ou mais pessoas, ou seja, quando este se reconhece entre irmãos. Deste modo, o ciúme aparece quando o indivíduo reconhece que divide sua atenção com os demais. Ele, entretanto, postula que as investigações psicanalíticas sobre o ciúme infantil esclareceram seu papel na gênese da sociabilidade, já que o ciúme, ao invés de representar uma rivalidade vital, pode ser entendido como uma identificação mental. A teoria lacaniana aponta que o ciúme tem como pressuposto o reconhecimento de um rival, ou seja, de um “outro” como objeto.

A agressividade se demonstra secundária à identificação especialmente na situação fraterna, como mostra Lacan (1938). Contrário à idéia de que o ciúme surgiria diante de uma luta pelo seio materno, o autor coloca que o ciúme pode manifestar-se em casos onde o sujeito já está desmamado e por isso, não está em concorrência vital com o irmão. Tal exemplo demonstra que uma certa identificação com o estado do irmão é uma pré-condição para que o ciúme surja.

De acordo com a teoria lacaniana, o eu constitui-se ao mesmo tempo em que o outro no ciúme. Dessa forma, a introdução de um objeto terceiro requer que o

sujeito substitua a confusão afetiva e a ambigüidade espetacular pela concorrência de uma relação triangular. Lacan (1938) coloca:

Assim, o sujeito, que enveredou pelo ciúme por identificação, desemboca numa nova alternativa, onde se joga o destino da realidade: ou ele reencontra o objeto materno e se aferra à recusa do real e à destruição do outro, ou então, levado a algum outro objeto, acolhe-o sob a forma característica do conhecimento humano, como objeto comunicável, visto que concorrência implica simultaneamente rivalidade e concordância; mas ao mesmo tempo ele reconhece o outro com quem é travada a luta ou firmado o contrato – em suma, encontra simultaneamente o outro e o objeto socializado. (LACAN, 1938, p.49)

A concepção lacaniana, neste ponto, aproxima-se da freudiana, já que no texto *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), Freud afirma que a criança é forçada a entrar na relação fraterna com o irmão para não perder o amor materno. Assim, parece necessário cessar essa tentativa de destruição do outro para permanecer no campo amoroso materno.

O papel traumatizante do irmão, segundo Lacan (1938), constitui-se por sua intrusão. Entretanto, o autor faz uma interessante observação ao postular que o fato e a época do aparecimento do irmão determinam seu significado para o sujeito. Sendo assim “ a intrusão parte do recém-chegado e infesta o ocupante; na família, em geral, trata-se de um nascimento, e é o primogênito que desempenha, em princípio, o papel do paciente”(p.50). Lacan coloca ainda que a reação do paciente ao trauma depende do desenvolvimento psíquico do sujeito e aponta para a possibilidade do desenvolvimento de regressões, neuroses hipocondríacas e culpa obsessiva como reação à destruição imaginária do irmão. Todavia, se o irmão vier depois do Complexo de Édipo, ele será adotado na maioria das vezes no plano das identificações parentais e já não será para o sujeito o obstáculo ou o reflexo, mas uma pessoa digna de amor ou de ódio.

Brusset (1987) em seu artigo “El vínculo fraterno y el psicoanálisis” coloca que desde Freud, diversos autores indicam a importância do irmão e da irmã na história subjetiva infantil, apesar da ressalva de que geralmente a teorização enfatiza mais a relação com os pais. Do ponto de vista do desenvolvimento, o irmão ou a irmã constituem por sua própria existência, um obstáculo, uma limitação na relação que se pretende exclusiva com a mãe, com o pai ou com ambos a cada vez. Por esta razão, é para a criança fonte de interrogação sobre si mesma, a partir do que é para os seus pais. A criança tem uma apreensão de si

mesma através do outro, podendo ser uma experiência real ou virtual, passada, presente ou futura, mas também e correlativamente pelo lugar que lhe outorgam o pai, a mãe, os pais.

De acordo com o autor na clínica e na psicologia do desenvolvimento, dois casos particulares exemplificam este problema de maneira surpreendente: a da criança substituída por outra maior morta e o dos gêmeos.

No primeiro caso, a mãe que procura reencontrar seu filho morto a partir de outro, sofre por não poder reencontrar no filho que está presente, o irmão ou a irmã maior desaparecido cuja imagem é simultaneamente idealizada e investida na forma narcisista. A criança substituída, por sua vez, pode identificar-se com esta imagem e renunciar então a outras representações de si, aquelas que se vinculam a sua vida pulsional e que comprova que não foi investida por sua mãe.

Segundo Brusset (1987), não haver sido para a mãe um objeto pulsional leva a uma falta de investimento, uma repressão, incluindo um rompimento de toda uma parte da vida pulsional. O autor destaca ainda que estas perspectivas permitem dar conta de certas organizações depressivas ou de tipo “falso self”. Seria necessário então reconhecer a agressividade da criança, e a sua correspondente culpa que levaria a criança a crer nos aparecidos, nos espectros, na comunicação com os espíritos e às vezes, em certas práticas mágicas, e mais genéricas e a ser particularmente sensível ao fenômeno do duplo: impressão de estar desdobrado, de ter alguém detrás, de levar outro dentro de si e eventualmente o dever de ceder-lhe o lugar, o que origina condutas de fracasso incluindo a impressão de estar destinado a um fim trágico, uma morte prematura ou a cometer um crime.

Os gêmeos, de acordo com Brusset (1987), proporcionam uma eloquente expressão da natureza fundamentalmente dupla do ser, da reflexividade essencial do sujeito, da relação sujeito-eu, da relação eu-tu. O autor coloca que o caso dos gêmeos é paradigmático dos fenômenos ligados à aquisição tardia e progressiva do sentimento de identidade, da consciência, e do conhecimento de si. Ele afirma que a observação direta dos fenômenos de transitivismo e a clínica das relações fraternas mostram frequentemente as confusões de identidade e os mecanismos que tentam limitar seu alcance, como por exemplo, o narcisismo de pequenas diferenças tantas vezes evocado por Freud.

A ideia corrente de que necessariamente existe entre os gêmeos um que é dominado e outro que é dominante deve ser precisada, já que muitas vezes não somente o dominado não se percebe como tal e o nega contra toda a evidência, como aquele que domina se preocupa com o outro, tem maior necessidade desse outro. Desta forma, a relação de objeto fraterno se distingue das relações de objetos parentais pela projeção na proximidade de uma relação simétrica, próxima, inevitável, enfrentando diretamente o sujeito com a autoridade de um objeto que é simultaneamente um duplo de si e um estranho (BRUSSET, 1987).

O irmão é um semelhante e o enfrentamento com este outro comporta compromissos narcisistas consideráveis. Brusset (1978) afirma que se em princípio o irmão é situado pelos pais na mesma categoria, a definição dos lugares respectivos também é tarefa dos mesmos. O autor postula que eventualmente, cada um dos irmãos se encontra confrontado com a mentira, a hipocrisia, a ambiguidade, a contradição, a confusão das ações e das atitudes parentais. Acrescenta ainda que a clínica mostra o efeito destrutivo da estima de si, incluindo a situação da identidade dos lapsos, dos ouvidos, dos erros na imputação que realizam os pais das ações, das palavras, das atitudes. Ao mesmo tempo, as relações entre irmãos preservam a mãe idealizada e, neste sentido, Brusset (1987) coloca que pelo fato de assistir à amamentação de seu irmão, a criança percebe sua exclusão, sua desposseção. A perda do objeto, como a perda do seio, se reduplica pela indiferença de uma mãe que a criança experimenta como ausente para ele e como presente para o outro. Não tem a possibilidade de imaginar, como no caso de seus pais, que reunidos falam dele e pensam nele. Portanto, o desmame, a perda metafórica do seio, a ausência do objeto primário possuem nestes casos, certas particularidades que podem dificultar sua elaboração, mas tudo depende das vicissitudes das primeiras relações com a mãe.

Brusset (1987) afirma que esta mesma cena do rival que monopoliza a mãe pode significar toda perda de poder sobre ela e representa a perda da onipotência narcisista. A satisfação visível da mãe, graças à existência e a ação do outro, é então uma ferida que, segundo os casos, será causa de um sentimento de aniquilação, de depressão, de raiva impotente e pode provocar mecanismos de negação. A vivência persecutória, o ódio, as crises de raiva podem ocultar o vazio produzido pelo afastamento da mãe. Por outro lado, ele sugere que a chegada de um novo filho tem efeitos sobre a mãe que necessariamente entram em jogo. A

preocupação materna primária, segundo o autor, mesmo se possui maior intensidade no caso do primeiro filho, absorve o conjunto dos investimentos da mãe, que acaso perceba sua indiferença ou hostilidade a respeito dos outros filhos pode sofrer por eles. Nos casos em que o recém-nascido é causa de inquietude, e a depressão pós-parto não pode ser compreendida pelos maiores, estes se inclinam a atribuir-se a responsabilidade pela tristeza materna. Desta forma, a psicopatologia da rivalidade e do ciúme, segundo Brusset (1987) será mais bem explicitada tomando em consideração suas relações não só com a inveja primária, mas também com outros aspectos da relação primitiva com a mãe. Conclui-se assim que de acordo com o autor, embora o irmão ou a irmã seja um terceiro de todas as triangulações possíveis, objeto parcial ou total, eminentemente substituído segundo as necessidades da atividade fantasmática centrada sobre as imagens parentais, as noções triviais da rivalidade e do ciúme que inevitavelmente evocam as relações fraternas possuem uma intensidade e certas características que provém de sua relação com a imago materna primária e às vezes com os efeitos das reações da criança frente às mudanças produzidas na mãe pela espera e nascimento do novo irmão.

Na clínica, segundo Brusset (1978) pode ocorrer que a ênfase dada à dimensão horizontal das relações fraternas para opô-la à dimensão vertical das relações parentais aumente as resistências à análise e revele a intensidade dos conflitos inconscientes atualizados pela transferência materna ou paterna, quer se trate do Édipo ou das fantasias originais. Na teoria, a insistência na dimensão horizontal pode levar, explícita ou implicitamente, a um questionamento do caráter fundador do Complexo de Édipo e da universalidade das fantasias originárias um tanto variante da situação triangular, o que recupera a objeção culturalista à universalidade do Édipo, que seria substituído por um complexo nuclear característico de cada cultura.

A especificidade do vínculo fraterno na clínica familiar, em particular com relação ao lugar paterno, é discutida por Matus (2001) ao utilizar-se do texto de William Golging “O senhor das moscas”. O livro de William conta a história de um grupo de crianças, passageiros e únicos sobreviventes de um avião que cai em uma ilha deserta, em que somente a natureza oferece recursos para que eles possam continuar vivos. Durante a narração da história, mostra-se o conflito entre dois jovens na disputa pela liderança do grupo, um deles sendo mais democrático

e outro mais autoritário. Logo os meninos encontram o cadáver de um paraquedista a quem eles chamam de “o senhor das moscas”. Na busca pela autoridade, um dos meninos do grupo prima pela ordem, enquanto o outro deseja que não existam regras, quando por acidente, o garoto que dominava o grupo mais anarquista mata por engano um de seus colegas acreditando estar acabando com o “senhor das moscas”. Por conta desta história, Matus (2001) pensa em algumas questões acerca da lei e de como articular o lugar fraterno com o paterno.

Segundo a autora, há uma maior ambiguidade terminológica para definir o vínculo entre irmãos com relação aos vínculos de parentesco. Matus (2001) postula que o nome “vínculo de consanguinidade” para definir o vínculo entre irmãos deve ser questionado, pois a qualidade da consangüinidade não é exclusiva desta relação, já que as denominações propostas para os outros vínculos são de uma ordem diferente do que da consanguinidade. Propõe então, que cada um dos vínculos do átomo elementar de parentesco estaria atravessado pela qualidade vincular de aliança e consanguinidade, o qual articulado com o modelo psicanalítico remetia ao eixo amparo- desamparo ou narcisismo- castração.

Matus (2001) define três tempos para o vínculo fraterno: um primeiro tempo lógico de disjunção, anterior ao Complexo de Édipo, marcado pela consanguinidade e conotado pelo especular, onde o lugar do pai não está diferenciado da mãe fálica; um segundo tempo lógico de conjunção, caracterizado pela operação proposta desde o pai de que os irmãos sejam unidos, ao mesmo tempo em que há um registro da inevitabilidade da existência de um semelhante; e um terceiro tempo lógico de diferenciação, associado a uma negatividade do lugar paterno. Este último tempo está relacionado com a aliança fraterna que se realiza para produzir simbolicamente o assassinato paterno, e que implica na possibilidade de se fazer um pacto, deixando de lado as diferenças. Na medida em que está articulado com os arredores familiares, sua característica terá um sentido primordialmente negativo: o de dar e/ou ceder de acordo com a reciprocidade social.

Desta forma, existem três tempos na história do “Senhor das Moscas”. Matus (2001) avalia que sobressai em primeiro lugar a rivalidade fraterna, através da escolha dos chefes, onde um deles representaria a disjunção “ou um ou outro” enquanto que o outro seria portador da construção de um tempo de conjunção no sentido de que os irmãos fossem unidos. Ela afirma que o lugar da criança que

representa o líder mais democrático é o lugar da palavra e mostra a necessidade de sua circulação, enquanto que algo do terceiro tempo de diferenciação, de aliança fraterna é necessário para que eles não retornem ao primeiro tempo de assassinato e morte dos membros do grupo. Ao mesmo tempo, ela coloca que “o senhor das moscas”, como cadáver de um adulto, representava para aquelas crianças o pai morto. Sendo assim, a autora enfatiza o pacto denegativo dos irmãos na criação do totemismo e relaciona-o com o texto freudiano “Totem e Tabu” (1912), onde Freud descreve uma sequência que vai desde o assassinato do pai da horda até seu retorno como divindade, como mítico pai primordial.

Chegando a uma importante conclusão, Matus (2001) ratifica que se instalam em um só ato o complexo paterno e o complexo fraterno: o primeiro permitindo a inscrição da diferença geracional e o segundo, garantindo-a. A autora sugere que há dois tipos de legalidade para o fraterno: uma vertical, ligada ao mandado paterno, e outra horizontal relacionada com a auto-regulação do grupo de irmão ou de pares. Neste sentido, partindo da ideia de negatividade, a aliança fraterna se fundamentaria por um lado, em um jogo de uma lei representada pelo pai morto e pelo totem; e pelo outro, a aliança fraterna seria inerente a um vínculo horizontal – entre pares- que funcionaria como contrapartida da impossibilidade vincular, dita como velamento do vazio constitutivo vincular.

Resumidamente, as idéias de Matus (2001) dizem respeito à complexificação do consanguíneo e sua diferenciação do fraterno, à construção de três tempos lógicos para o vínculo fraterno, sendo eles: disjunção, conjunção e diferenciação, os quais mostram como uma significação com predomínio da consanguinidade dá lugar a outra onde predomina a aliança; à complexificação do vínculo fraterno a partir da idéia do pacto denegativo dos irmãos, onde surge a necessidade de diferenciação e articulação entre o complexo paterno e o complexo fraterno e inclusão do fraterno em termos de auto-regulação, de horizontalidade, propondo a existência de vários tipos de leis- vertical e horizontal- em simultaneidade.

A chegada de um irmão pode, assim, suscitar diferentes questionamentos na criança e mesmo dúvidas quanto a sua possibilidade de continuar sendo amada pelos pais em meio à euforia com a chegada do novo membro da família.

Entretanto, a forma como os pais lidam com o nascimento de outro filho contribui para que a chegada do irmão não seja vista como uma experiência aniquiladora pela criança.

Françoise Dolto, em seu livro “No jogo do desejo”, discute o caso de seu filho Jean, que somente a partir da possibilidade de expressar sua irritabilidade com o nascimento do irmão com um boneco que o representava, pôde realizar na fantasia a agressão que não podia infligir na prática, podendo a partir daí se tornar o irmão mais velho. Outro caso mencionado é o do menino Robert, na época com dois anos, que após o nascimento do irmão apresentava violentos distúrbios de caráter e uma agressividade perigosa em relação ao mesmo. A atitude da mãe deste menino a princípio era a de repreender veementemente seus impulsos agressivos e apontar para a necessidade dele gostar do irmão. Ao mesmo tempo, esta mãe, preocupada com alguma agressão real por parte de Robert, tratava o bebê de forma diferente quando ele estava por perto. Dolto então sugere que quando a mãe visse um gesto agressivo de Robert, em vez de culpá-lo, fizesse uma fala em “negativo”. Ou seja, que quando as pessoas elogiassem o bebê, por exemplo, que ela dissesse que não entendia como as pessoas podiam se interessar por um bebê tão pequeno que nada fazia. Ao mesmo tempo, Dolto pediu que a mãe comprasse para Robert um bebê de brinquedo e que não se importasse com o que ele pudesse fazer com o boneco, sugerindo que o menino talvez tivesse necessidade de um objeto transferencial sob a forma de um ser humano, para que ele pudesse se desvencilhar da sua necessidade de fazer mal ao irmão. Postula Dolto (1996):

Já que era normal que ele tivesse sentimentos hostis, pensava eu, mais valeria permiti-los: sua experiência seria menos perigosa, se ele não fosse obrigado a lutar contra um sentimento de culpa inculcado pelos adultos. Os instintos agressivos não têm meios de se transformar, mas apenas de se intensificar, quando não se expressam (p. 92).

Em relação a este caso, Dolto (1996) afirma que após algum tempo, o comportamento de Robert se tornou neutro em relação ao irmão. Ela coloca ainda que ao ouvir a mãe formular observações agressivas ou depreciativas sobre o bebê, Robert a contradizia, defendendo-o. Sendo assim, a observação da autora é a de que este caso foi patologizado em função do intervencionismo dos adultos, que

queriam impor ao irmão mais velho um comportamento social de amor positivo, antes de haverem permitido a sua personalidade integrar, sem perigo para seu equilíbrio, a noção afetiva de irmão.

Dolto (1996) recorda que o primeiro amor é o amor-identificação, sendo assim, a criança se identifica com o adulto, o que conduz à sua introjeção. Ela coloca ainda que até o nascimento de alguém mais novo, a criança nunca teve de sentir em si o mal-estar de precisar acolher a percepção de uma forma humana menos evoluída do que ela, assim como identificar-se com um objeto de atenção e de amor sentido como um entrave biodinâmico. Afirma Dolto (1996):

Quando aparece pela primeira vez no campo de sua afetividade alguém mais novo do que ela, e quando a criança se mostra positiva diante dele (como Jean, no início), essa tomada de contato acarreta necessariamente uma identificação, ou antes, um movimento interior, uma tentação de participação; esta irá necessariamente sublimar-se no modo libidinal da amância oral, modo fragmentário de incorporação-projeção que, quando se trata de adultos, mantém o narcisismo no sentido da progressão, mas que, nesse caso, leva o irmão mais velho a uma identificação percebida como um perigo de involução. O sentido libidinal biodinâmico, ao ser assim contrariado, desencadeia imediatamente um mecanismo de defesa que, em estado puro, caso os adultos não intervenham, não é agressivo, mas neutro, e que constitui uma tentativa de ignorar o perigo, para seu equilíbrio, a noção afetiva de irmão (pgs. 105 e 106).

Segundo Dolto (1996) não é a ideia do bebê que é nefasta, mas a percepção direta de sua realidade carnal, ou seja, a fusão da imagem real do bebê, representado como incapaz de certos movimentos, com a imagem inconsciente do corpo da criança maior, esta sim, capaz desses movimentos, tanto em sua imagem estática de si mesma, quanto em sua imagem funcional dinâmica. A criança então sofreria a experiência da tentação desestruturadora, ao mesmo tempo em que se sentiria fascinada por uma imagem involuída de si, que a devora e a dissocia de sua imagem do corpo, fazendo-a perder suas aquisições. Postula Dolto (1996):

A criança em perigo biopsicológico fica infeliz, na exata medida em que ela ama da maneira que até então lhe foi própria, ou seja, no absoluto. Se amar é desejar “ser o outro” ou “tê-lo para si”, ou ainda “fazer com ele”, o encontro com o recém-nascido traz, no plano das ressonâncias vitais imediatas, um absurdo biológico, um contrasenso em relação à evolução. Várias conseqüências decorrem daí, todas traduzindo a luta pelo direito de viver, talvez larvarmente, mas pelo menos recusando uma introjeção que é sentida como dissolvente, desestruturante, desimajante e esterilizante. Existem, a um tempo, a defesa passiva e a defesa ativa- mas as manifestações desses dois tipos de proteção são sempre mal-interpretadas pelo adulto a quem elas

causam ansiedade. O adulto dá uma significação intencional, de ordem moral, a reações de hostilidade que, entretanto, são sadias enquanto a dissociação não tiver sido compreendida, ou seja, enquanto as pulsões em jogo não tiverem sido sublimadas e simbolizadas pelo sujeito, que então compreende que “amar” e “identificar-se com” não são fatalmente sinônimos (p.109).

Esta etapa do ciúme, adotando a visão Doltoniana, é estruturante e inevitável. Dolto chega a afirmar que quanto mais é vivida com intensidade, mais assistimos, em seguida, à eclosão de uma personalidade potente e dotada de adaptabilidade. Ela coloca ainda que é importante que os adultos não modifiquem seu comportamento em relação ao bebê, mesmo que esse comportamento cause sofrimento ao filho mais velho, pois ele também preserva a diferença estruturante entre a criança e o adulto, que assim dá a contemplar a imagem de um ser humano acabado, sem riscos de involução.

A experiência de ter um irmão, segundo Dolto (1996), permite viver a assunção da noção do “outro” enquanto é cedo e sair liberado da necessidade do absoluto nas relações sociais. Um dos interesses desta hipótese, segundo ela, seria o de permitir compreender as relações entre o narcisismo e o sentido social.

Na clínica da infância, todas as crianças ditas normais reapresentam ou já apresentaram sintomas caracterológicos ou psicossomáticos mais ou menos graves coincidindo com o nascimento de um irmão mais novo. Dolto acrescenta ainda que a ausência total de reação negativa aparente é tão ou mais grave do que as perturbações espetaculares e que é sempre o sinal de uma anulação emocional que marca o início de uma reação obsessiva, ou mesmo o início de uma dissociação.

As primeiras descompensações crônicas surgem, na maioria das neuroses, alguns meses após a intrusão do mais novo na triangulação inicial, no núcleo primário da criança. Dolto (1996) coloca, entretanto, que a atitude demasiadamente positiva da criança mais velha infelizmente encanta os pais, que não se dão conta do esforço da criança em esconder o ciúme. Ela descreve:

É no momento do desmame, da marcha ou da aquisição da fala (inteligência manifesta) do mais novo- aparentemente amado- que se manifesta a neurose do mais velho: ciúme ignorado que eclode em aflição, ódio, sofrimento e fracasso: por exemplo, quando o menorzinho entra na mesma escola que o mais velho, ou quando o caçula tem um sucesso social ou amoroso (DOLTO,1996,p. 112).

A criança mais velha, ao ver os pais gostando do pequeno bebê, sente-se também na obrigação de amá-lo. Até o bebê aparecer, o rival amado ou era um irmão mais velho ou o adulto do sexo complementar. Entretanto, com a chegada do bebê, a atração libidinal dos adultos do casal parental pode ser destronada pela importância que assume para os pais este novo nascimento (DOLTO, 1996). Sobre o nascimento de um irmão mais novo Dolto (1996) coloca:

O nascimento de um irmão mais novo (como quer que tenha sido preparado) sobrevém como uma tempestade súbita no céu sereno em que o pai e a mãe, aliás sol e terra, serviam de referências inter-relacionais para a verticalidade axial do mundo animado e inanimado, onde a criança se conhecia garantida em sua imagem do corpo.

No entanto, é graças a este acontecimento- o nascimento do mais novo- que a criança imediatamente mais velha, normalmente perturbada por maior ou menor prazo, poderá, pela própria perturbação acarretada por esse nascimento, superar o perigo de uma amâncio erótica e de um fetichismo que espreita os seres humanos (DOLTO, 1996, p.113).

É possível perceber, desta forma, que o irmão tem um papel fundamental no desenvolvimento infantil, tendo em vista que esta primeira relação insere o sujeito na fratria e contribui para o posterior surgimento de outras formas de laço social.

Entretanto, o reconhecimento deste outro que, na fantasia da criança, pode ameaçar sua relação com os pais, requer uma grande elaboração psíquica, onde o irmão passa de intruso à familiar, não apenas no sentido de que é alguém pertencente à família, mas também por passar a ser alguém com quem os membros da fratria compartilham algo.

A inserção de um novo membro da família no campo amoroso parental pressupõe que o primogênito, ou os outros membros da fratria, passem de um momento onde a lógica onipotente prevalece – ou eu ou o outro- para outro momento onde a união dos irmãos esteja presente e predomine a aliança.

Desta forma, a relação fraterna é entendida como estruturante no psiquismo humano e requer estudos que contemplem seus diversos aspectos.

O irmão seria assim, fundamental no reconhecimento da alteridade e, neste sentido, cabe o reconhecimento do complexo fraterno como um conceito que tem suas particularidades e que não deve ser visto apenas como um deslocamento do complexo de Édipo como alguns autores sugeriram.